



CENTRO DE ESTUDOS DE PRAGMATISMO
FILOSOFIA - PUC-SP

edue

COGNITIO

Revista de Filosofia da PUC-SP
Centro de Estudos de Pragmatismo

São Paulo, v. 22, n. 1, p. 1-3, jan.-dez. 2021
e-ISSN: 2316-5278 | ISSN: 1518-7187



<http://dx.doi.org/10.23925/2316-5278.2021v22i1:e55177>

BOOK REVIEW | RESENHA

João Queiroz*
joao.queiroz@ufff.br

Recebido em: 09/08/2021.

Aprovado em: 22/11/2021.

Publicado em: 30/12/2021.

MARAIS, Kobus. *A (bio)semiotic theory of translation: the emergence of social-cultural reality*. New York; London: Routledge, 2019.

A (bio)semiotic theory of translation, de Kobus Marais (2019), é o mais importante livro já publicado sobre a relação entre os estudos da tradução e a semiótica pragmatista de C.S. Peirce desde *Semio-translation*, de Dinda Gorfée (2004). A obra de Gorfée representou uma etapa importante de ajustes na agenda dos estudos de tradução inspirada na filosofia de Peirce. O livro de Marais é a mais audaciosa tentativa, até agora, de desenvolver este projeto. Ele explora diversas consequências da aplicação da semiótica de Peirce, especialmente, em sua fase madura (pós-1903), de termos e entidades teóricas, incluindo: (i) rudimentos de uma filosofia de processo de inspiração pragmatista com forte tendência pluralista; (ii) classificações sógnicas desenvolvidas por Peirce, após 1903, período que se estabeleceu como “teoria madura do signo”, ainda inexplorada nos estudos de tradução; e, (iii) uma versão emergentista associada a um tratamento baseado na teoria de sistemas complexos. Sobre este último tópico, Marais extrai muitas implicações relacionadas a uma definição de tradução como negentropia, em sistemas complexos e generaliza o fenômeno como emergência de processos socioculturais. Esta resenha baseia-se em algumas asserções que se referem às teses que considero mais importantes do livro de Kobus Marais.

Tradução é semiose (ação do signo). Esta, que é a tese fundamental do livro, aparece em diversos momentos e tem todo um capítulo dedicado ao seu desenvolvimento (capítulo 5). Ela não equivale a afirmar que a tradução é feita *com* signos, que seria uma tese mais fraca e mais facilmente aceita. O que Marais defende é mais radical: o componente explanatório não é o signo, mas a semiose, ou a ação do signo. A pergunta “o que é a tradução?” passa a depender diretamente da questão “o que é a semiose?”. Diretamente associada a esta tese, a *tradução é uma relação triádica*. A tradução é observada como uma relação irreduzível entre três termos (entidades ou processos): signo, objeto, interpretante (S-O-I), que são seus elementos constitutivos mínimos (EP 2:171). Se a tradução equivale à semiose, uma descrição da semiose equivale a uma descrição formal da tradução. Em uma tradução, a relação S-O-I descreve como uma fonte (*source-sign*) triadicamente “determina” outro signo em ação (*target-sign*). Esta descrição é emoldurada em uma filosofia de processos.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

* Professor de Semiótica, Estética e Filosofia da Arte no Instituto de Artes, da Universidade Federal de Juiz de Fora, MG, Brasil.

Peirce é um filósofo de processos: “Este livro não é, portanto, sobre coisas. Ele é sobre processos” (MARAIS, 2019, p. 5). A tradução é um processo e seus “componentes” (signos, objetos e interpretantes) são processos. O processualismo se refere à aplicação de uma ontologia e uma epistemologia de processos, enfatiza propriedades emergentes e a mudança como um fenômeno mais fundamental do que a estabilidade. Ele contrasta com uma ontologia, e uma epistemologia, substancialista, que enfatiza propriedades intrínsecas de substâncias e a estabilidade como mais fundamental que a mudança. Na semiótica peirciana, a noção que melhor representa essa preocupação processualista é a noção de hábito. Um hábito é um “padrão de restrições”, uma disposição para agir de certas maneiras sob certas circunstâncias, especialmente quando o agente é estimulado, animado ou guiado por certos propósitos (CP 5.480), ou, simplesmente, como uma “regra de ação” (CP 5.397, CP 2.643), ou, ainda, como uma “proposição condicional” (EP 2:388). A emergência de regularidades estáveis é descrita como um processo de “adquirir hábitos”, que é probabilístico e cumulativo. Essa visão, de mudança e estabilidade através do acúmulo de regularidades autogeradas, está no centro do processo da semiose, uma vez que “o que uma coisa significa é simplesmente quais hábitos ela envolve” (CP 5.400), e na ideia de emergência.

Logo no início do livro, Marais (p. 5) afirma: “Eu estou interessado na emergência da forma a partir do processo.” A semiose pode ser descrita como um processo emergente e auto-organizado. Uma abordagem processualista concebe a semiose como um padrão emergente de organização de hábitos, distribuídos em muitos tipos e classes. Como é bem conhecido, processos semióticos possuem uma notável variedade de estruturas que incluem não apenas símbolos e signos de lei (legisignos), mas também eventos (sinsignos) e qualidades (qualisignos). Na tentativa de detalhar estes processos, Peirce propôs várias tipologias com diferentes graus de desenvolvimento. Poucos semioticistas se dedicaram à exploração dessas tipologias (10, 28 e 66 classes de signos), desenvolvidas a partir de 1903, que ainda parecem obscuras, estruturalmente intrincadas e de difícil aplicação. Para piorar, permanece uma certa tendência de achar que elas são ferramentas extravagantes. Marais não só enfrenta as dificuldades dessas tipologias, como as operacionaliza com precisão.

Há, em minha opinião, duas teses que exigem exploração mais detalhada, em um projeto interdisciplinar envolvendo a semiótica madura de Peirce, no domínio dos estudos de tradução, que não são tratadas diretamente por Marais: a *mente é semiose*, a *semiose está distribuída “dentro e fora de nossas cabeças”*. O significado não está no signo, no referente do signo, ou nos agentes (visão intracraniana), “receptores” ou intérpretes. Em oposição às premissas do cognitivismo e conexionismo ortodoxos, para Peirce, processos cognitivos dependem de processos semióticos em um sentido que diverge radicalmente de qualquer forma de internalismo. Ele pode, portanto, ser considerado um precursor da tese da “cognição distribuída”. Para Peirce, a “mente é semiose”. Materialmente dialógica e comunicacional, a cognição corresponde ao desenvolvimento de artefatos nos quais está incorporada como um poder para gerar interpretantes. A mente equivale ao desenvolvimento de artefatos cognitivos, como ferramentas de escrita, instrumentos de observação, línguas naturais, sistemas de notação etc. Em contraste com uma tendência internalista dominante nos estudos da tradução, a *tradução* é um processo que acontece através da exploração de ferramentas e artefatos cognitivos externos (protocolos, regras, estruturas, próteses físicas e culturais). O que isso significa? Em termos explanatórios, significa que a tradução não está primariamente associada a certas habilidades mentais, internas. Correntemente, os principais problemas são elaborados em um cenário internalista, segundo o qual a tradução é descrita como (ou deve resultar de) o processamento de representações. Um cenário externalista sugere algo diferente — a tradução é descrita como um processo não-psicológico, inferencial, material e historicamente distribuído no tempo e no espaço, e fortemente baseado no design e no uso de artefatos e próteses cognitivas. Essa “visão distribuída” não elege o agente individual (ou o tradutor) como o centro dos processos criativos, mas como participante ativo de sistemas cognitivos distribuídos e dependente de ecossistemas semióticos.

Há alguns problemas que encontro no livro de Marais, que gostaria de mencionar, porque considero cruciais para o desenvolvimento de um projeto de relação interteórica com a semiótica de Peirce. Eles

incluem um tratamento mais cuidadoso das consequências da introdução de novas premissas. Um exemplo claro é a insistência na ideia de “tradução como um processo icônico”. O que significa essa afirmação à luz da semiótica madura (pós-1903), das subdivisões do ícone (imagem, diagrama, metáfora) e de desenvolvimentos recentes sobre raciocínio diagramático e inferência abdutiva? Outra questão é que se deve tentar uma comparação mais sistemática entre uma agenda “nova” (semiótica, pragmatista e peirciana) e as “antigas” agendas — não se trata apenas das implicações, em termos de reformulação dos principais problemas, mas de uma comparação entre as agendas em termos de poder explanatório, consistência interna e robustez. De qualquer forma, o livro de Kobus Marais é a mais ousada tentativa, já publicada até agora, para desenvolver este projeto.

Referências

GORLÉE, Dinda L. *On translating signs: exploring text and semio-translation*. Leiden; Boston: Brill, 2004. (Col. Approaches to Translation Studies, v. 24).

PEIRCE, Charles S. *Collected papers of Charles Sanders Peirce*. HARTSHORNE, Charles; WEISS, Paul (Eds.), vols. 1-6. BURKS, Arthur W. (Ed.), vols. 7-8. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1931-1935; and 1958.

PEIRCE, Charles S. *The essential Peirce: selected philosophical writings*. HOUSER, Nathan; KLOESEL, Christian; Peirce Edition Project (Eds.). Bloomington: Indiana University Press, 1992; 1998. 2 vols.

Lista de Abreviações

As obras de Charles S. Peirce são citadas como segue:¹

Collected papers of Charles Sanders Peirce: volume (v) e parágrafo (p) (CP v:p).

The essential Peirce: volume (v), página (p) (EP v:p).

¹ Nota do Editor: Esta lista de abreviações segue as normas estabelecidas e disponíveis em: https://en.wikipedia.org/wiki/Charles_Sanders_Peirce_bibliography. Acesso em: 20 dez. 2021.